

UMA “RIMA INCÔMODA”: O TEMPO NA OBRA *PEDRO PÁRAMO*, DE JUAN RULFO

Wallace Rodrigues ¹

Rosa Ynés Alacio García ²

Resumo: Este texto nasce de nossas pesquisas sobre o escritor e intelectual mexicano Juan Rulfo (1917-1986), principalmente sobre o romance *Pedro Páramo*, de 1955. Neste livro, Rulfo deixa ver sua habilidade na escrita de um romance requintadamente estruturado sobre uma temporalidade não-linear, sobre a soma de acontecimentos fantásticos inusitados, sobre a utilização de personagens rurais de grande poder expressivo, entre outros pontos relevantes na construção do romance. Para este trabalho, focamos no livro *Pedro Páramo* e nos detivemos sobre a circularidade e a não utilização da cronologia linear para a temporalidade dentro do romance. Nossa análise para este texto foi qualitativa e baseada em uma pesquisa bibliográfica. Nossos resultados revelam que *Pedro Páramo* tem todo o direito de ser considerada como o *magnum opus* de Juan Rulfo, pois não somente se colocou como um romance inovador, para sua época e em língua espanhola, em relação ao uso do tempo dentro da obra, mas também pela estrutura dos personagens e suas paixões, além da utilização de elementos do realismo fantástico que impregnam a obra. Apesar do “incômodo” da estrutura temporal da obra, ela se coloca como uma perfeita “rima” entre a vida e a morte.

Palavras-chave: Temporalidade. Literatura mexicana. Literatura latino-americana.

UNA “RIMA INCÓMODA”: EL TIEMPO EN LA NOVELA *PEDRO PÁRAMO* DE JUAN RULFO

Resumen: Este texto há nacido de nuestra investigación sobre el escritor e intelectual mexicano Juan Rulfo (1917-1986), centrada principalmente en su novela de 1955, *Pedro Páramo*. En este libro, Rulfo demuestra su habilidad para escribir una novela exquisitamente estructurada con una temporalidad no lineal, una suma de eventos inusuales y fantásticos, y el uso de poderosos personajes rurales, entre otros aspectos relevantes de la construcción de la novela. Para este trabajo, nos centramos en el libro *Pedro Páramo* y examinamos la circularidad y la no dependencia de la cronología linear para la

¹ Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador do PPGLIT/UFNT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9082-5203> E-mail: walacewalace@hotmail.com

² Doctorado en Estudios Sociales con Línea en Procesos Políticos por la Universidad Autónoma Metropolitana (UAM - Unidad Iztapalapa). Profesora investigadora en Universidad Autónoma de la Ciudad de México (UACM-Plantel Cuauhtémoc). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6487-8897> E-mail: rosaalacio@gmail.com

temporalidad dentro de la novela. Nuestro análisis de este texto fue cualitativo y se basó en investigación bibliográfica. Nuestros resultados revelan que *Pedro Páramo* tiene todo el derecho a ser considerada la obra maestra de Juan Rulfo, ya que no solo se consolidó como una novela innovadora para su época y en español en cuanto al uso del tiempo dentro de la obra, sino también en la estructura de sus personajes y sus pasiones, así como en el uso de elementos de realismo mágico que la impregnan. A pesar de la “incómoda” estructura temporal de la obra, ésta se presenta como una “rima” perfecta entre la vida y la muerte.

Palabras clave: Temporalidad. Literatura mexicana. Literatura latinoamericana.

*Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.*

*Tão cedo passa tudo quanto passa!
(Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa)*

Introdução

Este texto nasce de nossas pesquisas para o Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em parceria com a professora Rosa Ynés Alácio Garcia, professora e investigadora da Universidade Autônoma da Cidade do México (UACM), campus/plantel Cuauhtépec, sobre a obra de um dos mais relevantes escritores mexicanos do século XX, apesar de ele somente ter escrito dois livros: Juan Rulfo.

Este trabalho é um dos frutos de nosso período curto de investigação (*instancia corta de investigación*) junto à Universidade Autônoma da Cidade do México (UACM), campus/plantel Cuauhtépec, e algumas instituições culturais da Cidade do México, como o Museo de Arte Moderno de México, o Museo Nacional de Antropología, o Museo Frida Kahlo (La Casa Azul, em Coyoacán), o Centro Cultural Juan Rulfo, entre outras. Nosso interesse era investigar um pouco mais sobre importantes autores latino-americanos que fossem pouco conhecidos no Brasil, principalmente para os estudantes de Literatura de

nosso programa (PPGLLit). Neste caminho, nos deparamos com as inusitadas obras de Juan Rulfo (1917-1986), importante escritor mexicano e pouco conhecido no Brasil. Daí nosso interesse em pesquisar sobre ele e divulgar sua obra literária no Brasil, conhecendo um pouco mais sobre sua vida e seus trabalhos literários.

Rulfo foi um escritor envolvido com outros intelectuais de sua época e que ajudaram a dar movimento ao cenário artístico na Cidade do México durante a primeira década do século XX. Além disso, ele se tornou um respeitado funcionário público em assuntos ligados aos indígenas mexicanos. A casa de Rulfo na Cidade do México, localizada na rua Río Tigris, número 84, piso térreo, Colônia Cuauhtémoc, foi um lugar de encontro de vários escritores e artistas em formação da sua época.

Vale lembrar, aqui, que este texto tem um caráter qualitativo e exploratório, busca encontrar traços sobre como Juan Rulfo trabalha com o tempo em seu romance *Pedro Páramo*, de 1955. Utilizamos, para tanto, uma pesquisa bibliográfica baseada nos seguintes autores: Candido (206, 2012); Kummer e Lima (2023); López-Quñones (2013); Munduruku (2008); Rodrigues (2019); Márquez (2019) e Saddi (2021). Descreveremos um pouco sobre o autor, a obra literária e faremos uma breve incursão na obra *Pedro Páramo* para compreender como Rulfo trabalha com o tema tempo em seu livro.

1. Sobre Juan Rulfo e sua obra *Pedro Páramo*

Juan Rulfo (Carlos Juan Nepomuceno Pérez Rulfo Vizcaíno, Apulco, 1917 – Cidade do México, 1986) foi um renomado escritor mexicano. Durante a década de 1950, Rulfo publicou *El llano en llamas*, de 1953, um livro de contos, e o romance *Pedro Páramo* em 1955. Depois de escrever estes livros, ele somente voltou a escrever roteiros para televisão. Trabalhou com outros importantes escritores de sua época, como Carlos Fuentes (Cidade do Panamá, Panamá, 1928 — Cidade do México, 2012) e Gabriel García Márquez (Aracataca, Colômbia, 1927 — Cidade do México, 2014). Em 1976, Rulfo entrou na Academia Mexicana da Língua.

O romance *Pedro Páramo* pode ser considerado tanto um romance regionalista quanto um livro pertencente ao gênero do Realismo Mágico, pois o texto, que começa no primeiro estilo, vai paulatinamente transformando-se no segundo, à medida que a verdade se desvela sobre Pedro Páramo e da cidade/povoado de Comala. A estrutura intrincada e

inovadora deste romance (que não é de fácil leitura³) é, provavelmente, a responsável por muitas respostas iniciais negativas dos leitores, mas tal obra assegurou o perene renome de Rulfo e a influência de tal obra sobre os escritores latino-americanos. O livro também deu origem a um filme homônimo da *Netflix*, com direção de Rodrigo Prieto, e divulgado em 2024.

Pedro Páramo é uma novela mexicana que traz a história do “coronel” (*caudillo*) de mesmo nome de um povoado chamado Comala e de seu filho Juan Preciado. A narrativa mostra o destruído povoado de Comala e seus personagens vivos e mortos, que persistem em estar ali. Como descrito no romance, sobre Comala: “Aquello está sobre las brasas de la tierra, en la mera boca de Infierno⁴” (Rulfo, 2019, p. 6).

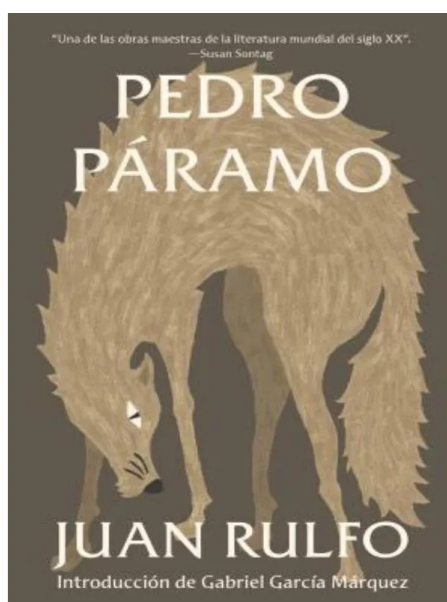
Os personagens principais da trama e que vivem no povoado “fantasmagórico” de Comala são: Juan Preciado, o protagonista e narrador inicial da narrativa. Ele vai à Comala para cumprir a promessa que havia feito à sua mãe no leito de morte, que seria encontrar seu pai Pedro Páramo e exigir dele o que lhe é de direito; Pedro Páramo, um “coronel” (*caudillo*) cruel que dominava as terras e as pessoas de Comala por meio da violência e da corrupção; Dolores Preciado, mãe de Juan Preciado e uma das muitas mulheres que teve Pedro Páramo. As memórias de Dolores Preciado nostálgicas de uma Comala próspera e fértil contrastam com o povoado seco e sem vida que Juan encontra; Susana San Juan, a verdadeira paixão de Pedro Páramo. Sua morte mergulha o povoado na decadência definitiva, pois Páramo decide deixar Comala morrer por vingança pela indiferença do povo ao luto pelo morte de Susana; Abundio Martínez, um mensageiro (e filho não reconhecido de Pedro Páramo) que Juan encontra no caminho para Comala. Ele é uma (e a primeira no romance) figura-chave que transita entre os mundos dos vivos e dos mortos, como acontece recorrentemente na narrativa; Eduviges Dyada, uma antiga amiga de Dolores que recebe Juan em sua casa. Juan descobre, mais adiante na narrativa, que ela era, na verdade, um fantasma; Damiana Cisneros, cozinheira da fazenda Media Luna e quem guia Juan Preciado pelo povoado repleto de ecos, sussurros e vozes do passado; Padre Rentería, o sacerdote que vive em conflito moral em relação a perdoar ou

³ Alguns aspectos que fazem a leitura de *Pedro Páramo* desafiadora são a narrativa não temporalmente linear, uma fronteira tênue entre personagens mortos e vivos, a mudança repentina de narradores e os muitos “sussurros”.

⁴ Em tradução nossa: “Aquele lugar fica sobre as brasas da terra, na própria entrada do Inferno.”

não os pecados de Pedro Páramo em troca de dinheiro, enquanto nega absolvição a muitos pobres; Miguel Páramo, o único filho oficialmente reconhecido de Pedro Páramo, um jovem violento e cuja morte prematura marca o início da desintegração da família Páramo; Toribio Aldrete, um agrimensor assassinado por ordens de Pedro Páramo, cujo espírito ainda vaga por Comala. Há ainda outras personagens que vivem neste lugar povoado por almas de vivos e mortos, cheio de acontecimentos sobrenaturais e que parecem ser naturalizados na história.

Figura 1 - Capa do livro Pedro Páramo, de Juan Rulfo, da Editora Vintage, edição de 2019.



Fonte: <https://www.martinsfontespaulista.com.br/pedro-paramo>

Conforme já mencionado, a obra pode ser considerada um romance regionalista. Podemos entender o regionalismo como uma corrente literária que tem suas variações em países e regiões distintas, referindo-se ao local, ao regional, ao popular. Podemos entender que há um realismo romântico, que busca um retorno ao passado, e um realismo mais ligado às relações humanas com o meio, as formas de linguagens, as paisagens regionais e os traços culturais.

Antônio Candido (2006, p. 120) fala-nos sobre o regionalismo nos romances brasileiros, ele diz que o regionalismo é “uma das principais vias de autodefinição da consciência local”, revelando “nossas realidades mais típicas”. Ainda, tomando o

regionalismo brasileiro como exemplo para um regionalismo latino-americano, podemos pensar como Candido (2012, p. 87), quando nos informa que:

O Regionalismo deve estabelecer uma relação adequada entre os dois aspectos, e por isso se torna um instrumento poderoso de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do País; mas pode ser também fator de artificialidade na língua e de alienação no plano do conhecimento do País.

Vale lembrar que os regionalismos latino-americanos, dos mais variados países da América Latina, nascem de uma relação entre o local e o “europeu” (não local) em literatura, buscando caminhos específicos de identidade e de pertencimentos. Da mesma forma, o regionalismo também dominou a escrita de Juan Rulfo. Vale lembrar que pela via do crítico literário Antonio Candido, a obra regionalista toma o universo rural e as particularidades de uma região rural como matéria-prima para a construção literária, servindo como um instrumento de descobertas históricas, mapeamentos e interpretações de realidades nacionais. No entanto, o regionalismo fantástico do livro de Rulfo aqui tratado, articulando realidade e ficção “sobrenatural” (numa densa atmosfera entre vivos e mortos), nasce de forma poderosa e original, deixando boquiaberto até Gabriel García Márquez (2003, p. X-XI):

Nunca, desde la noche tremenda en que leí *La metamorfosis* de Kafka, en una lúgubre pensión de estudiantes de Bogotá, casi diez años atrás, había sufrido una conmoción semejante. Al día siguiente leí *El llano en llamas* u el asombro permaneció intacto; mucho después, en la antesala de un consultorio, encontré una revista médica con otra obra maestra desbalagada: *La herencia de Matilde Arcángel*; el resto de aquel año no pude leer a ningún otro autor, porque todos me parecían menores. (Itálicos do autor)

No caso de *Pedro Páramo*, podemos perceber um realismo fantástico, revelando personagens tipicamente locais com aspectos “sobrenaturais”, mostrando uma singularidade especial da obra de Rulfo. Muitos críticos consideram a obra Pedro Páramo como um marco do realismo fantástico mexicano (também chamado de realismo mágico), pois Rulfo insere na narrativa elementos sobrenaturais no cotidiano das personagens de forma muito natural, sem espanto frente ao impossível. Ainda, a morte e a magia são parte da realidade cultural do romance e dos mexicanos. Rulfo naturaliza elementos sobrenaturais dentro de um espaço místico no romance, traçando uma narrativa entre

memórias, sonhos, vigílias, sussurros, silêncios etc. Tais elementos de construção do romance dão a Pedro Páramo muitas características do realismo fantástico. Kummer e Lima (2023, p. 10 e 11) informam sobre a obra de Rulfo:

A complexidade de seus textos, ainda concordando com Claude Fell, está vinculada a dois paradoxos articulados: a) a universalidade de um autor ligado à realidade local; b) a utilização de uma linguagem popular por um escritor eminentemente moderno, cosmopolita e audaz. A oralidade que utiliza é mesclada num processo de “ficcionalização” que justapõe tradições culturais nativas e colonizadas. (...) Dentre os muitos fatores que influenciam seus textos, a terra, a sociedade pós-Revolução, o pecado, a religião, o isolamento, a solidão, a violência, a morte e o pessimismo são recorrentemente permanentes. A expressividade dos textos figura na forma de manejar tantos temas com uma perspectiva essencialmente inovadora que congregava o enigma, a simplicidade e uma ironia trágica.

Ainda, de Loreto Gómez López-Quiñones, temos que:

Comala es, toda ella, una feria de sombras. Los que allí viven son muertos, sombras de vivos y de muertos, sombras de sombras. Envueltos todos en una densa atmósfera de angustia, culpa y desolación, no siempre puede asegurarse quiénes esperan aún la muerte de sombra que han de morir, y quienes ya dieron el pequeño paso, ayer o hace cien años, y contemplan la vida en la perspectiva de la muerte. Porque unos habitan ceca de los otros. Mundo de fantasmas, de cuerpos en descomposición, de ánimas en pena. Y entre muertos y vivos y sombras se cuentan el mito de Pedro Páramo. El aire se llena de murmullos y ecos⁵ (Frenk, 1974, p. 39 *apud* López-Quiñones, 2013, p. 83).

A partir dessas considerações, compreendemos que fica clara a habilidade de Rulfo em criar subjetividades a partir de personagens diversos, com nomes originais e

⁵ Tradução nossa: “Comala é, em sua totalidade, um carnaval de sombras. Quem ali vive são os mortos, sombras dos vivos e dos mortos, sombras das sombras. Envoltos numa densa atmosfera de angústia, culpa e desolação, nem sempre é possível discernir quem ainda aguarda a morte sombria que lhe está destinada e quem já deu esse pequeno passo, ontem ou há cem anos, e contempla a vida sob a perspectiva da morte. Pois alguns habitam próximos uns dos outros. Um mundo de fantasmas, de corpos em decomposição, de almas atormentadas. E entre os mortos, os vivos e as sombras, ressoa o mito de Pedro Páramo. O ar se enche de murmúrios e ecos.”

características muito particulares, mas dúbias. Em *Pedro Páramo*, Loreto Gómez López-Quiñones percebe a utilização do silêncio na construção da obra:

El silencio, lejos de ser un vacío vago y absoluto es un espacio para oír mejor y, por tanto, un espacio para decir mejor. Para ilustrar esta utilización del silencio como estrategia en la obra de Juan Rulfo nos centraremos en *Pedro Páramo* y en el relato “No oyes ladrar los perros”, perteneciente a su libro *El llano en llamas*⁶. (López-Quiñones, 2013, p. 80, itálicos da autora)

Verificamos, também que o romance *Pedro Páramo* trata a vida de forma poética mas crua, como bem nos diz García Márquez (2003, p. XI): “En él trabajo poético – y *Pedro Páramo* lo es en su más alto grado⁷”. Isso nos diz muito sobre a habilidade única de Rulfo para manipular a linguagem poética em favor da construção de sentidos únicos em *Pedro Páramo*.

Sobre o uso da linguagem para fins poéticos, criando novos mundos, Maria Luíza Sabóia Saddi nos revela que:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos. (Saddi, 2011, p. 4010)

Ainda em relação à criação de um regionalismo fantástico em *Pedro Páramo*, podemos verificar que Rulfo faz uso da linguagem de maneira não convencional, tensionando sempre vivos e mortos, estando entre o presente e o passado, dando fala a seus personagens ou silenciando-os. Rulfo se utiliza da linguagem escrita como uma ferramenta de fricção para desestabilizar alguma certezas do leitor, tensionando falas e ações de personagens vivos e mortos, imitando a memória e o eco em sua escrita, deixando o leitor com vários silêncios perceptíveis no texto, entre outros aspectos. Ainda, sua escolha de palavras constituem constructos semelhantes a versos poéticos.

⁶ Tradução nossa: "O silêncio, longe de ser um vazio vago e absoluto, é um espaço para melhor ouvir e, portanto, um espaço para melhor falar. Para ilustrar esse uso do silêncio como estratégia na obra de Juan Rulfo, vamos nos concentrar em *Pedro Páramo* e no conto “No oyes ladrar los perros” (Você não ouve os cachorros latindo), de seu livro *El llano en llamas* (A planície em chamas)."

⁷ Em tradução nossa: "Na obra poética – e *Pedro Páramo* é poético no seu mais alto grau".

2. O tempo em *Pedro Páramo*

Vale destacar o brilhantismo da escrita de Juan Rulfo neste romance. A história é concebida em narrativas curtas (como que em contos) que vão sendo contadas por personagens diferentes e que não seguem uma ordem cronológica exata. Em princípio, a técnica de escrita temporal em *Pedro Páramo* pode causar estranhamento, mas funciona para dar movimento à narrativa e para a criação de um ar de mistério à obra, apesar de relatar muitos fatos recorrentes no dia a dia das pessoas do interior, pois ele narra a partir de memórias (passado), de ações do presente e desejos de futuro. Todos os tempos se mesclam na escrita de *Pedro Páramo*.

Em *Pedro Páramo*, as narrativas não ocorrem de forma linear, mas de maneira fragmentada, embaralhando um pouco a ordem cronológica das histórias interligadas dos personagens que vivem em Comala. Além disto, a interação entre seres vivos e não vivos não se dá de maneira clara, fazendo com que o leitor tome tempo para descobrir se uma personagem é do mundo dos vivos ou é um ser sobrenatural, como no caso da personagem Eduviges Dyada.

A obra tem, claramente, uma estrutura narrativa fragmentada, pois a história não segue uma linha do tempo direta, deixando ler cenas em uma ordem cronologicamente diferente daquelas em que os eventos aconteceram. O tempo, nas narrativas de *Pedro Páramo*, não é linear ou cronológico, mas fragmentado, mítico e circular. Essa circularidade do tempo, segundo Rodrigues (2019), é uma característica dos povos ameríndios, aproximando, ainda mais, a referida obra de uma característica indígena que o regionalismo mexicano também tem que lidar com:

As sociedades indígenas latino-americanas nos mostram que as relações deles com o tempo são ensinadas e aprendidas através de seus mitos. O professor (especialista em mitologia grega e latina) Junito de Souza Brandão (2007, p. 35)⁸ nos diz que o “mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais.” Assim, podemos dizer que, nas sociedades tradicionais, o mito é reafirmado pelos ritos e participa de um tempo circular, virtual. Essa concepção de tempo circular é algo que o homem branco perdeu faz muito tempo. Ela nos ajudaria, no entanto, a compreender que a vida se dá em círculos e de forma sempre dinâmica, com nascimentos e mortes. Não percebemos, portanto, nas sociedades indígenas, a linearidade temporal que nós ocidentais acreditamos existir

⁸ Em: BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, volume I, 2007.

e que buscamos revelar através da disciplina científica de História. (Rodrigues, 2019, p. 75)

A estrutura temporal do romance *Pedro Páramo* rompe com a lógica convencional, misturando memórias do passado e experiências do presente, vida e morte, criando uma atmosfera de “não-tempo” ou tempo simultâneo ou suspenso, onde os mortos narram suas memórias. Há, repetimos, uma circularidade de concepção do tempo muito próxima daquela dos indígenas americanos, onde a memória tem papel relevante na esfera temporal, conforme aponta Munduruku:

A memória é, pois, ao mesmo tempo passado e presente que se encontram para atualizar os repertórios e encontrar novos sentidos que se perpetuam em novos rituais que abrigam elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo de sua história. Assim estes povos traziam consigo a memória ancestral. (2008, s.p)

Algumas características deste tempo fragmentado em *Pedro Páramo* são que a narrativa é composta por "fios suspensos" e estruturada em vários fragmentos de memórias. Há um mosaico de vozes que fazem com que o leitor construa a cronologia da história narrada. Há uma confusão entre presente e passado, apogeu e ruína de Comala, com todos os seus fantasmas presentes na narrativa. O próprio personagem de Pedro Páramo deixa clara essa instabilidade temporal na narrativa. Estes, buscando "reviver" vidas passadas? Há uma clara anulação do tempo cronológico, revelando um tempo mítico (regional? indígena?) que faz com que o leitor coloque mais esforço para a compreensão do que se passa. O tempo torna-se, portanto, uma eternidade de arrependimentos, murmúrios, ecos e lembranças, baseada em rumores dos mortos, em vozes do passado dentro do presente. Tudo isso dá a impressão de que o tempo parou de avançar no sentido “biológico”, mas que se estrutura nas lembranças dos fantasmas. Tal técnica narrativa, que domina o romance *Pedro Páramo*, é característica do Realismo Mágico empregada por Rulfo.

O próprio García Márquez nos diz que: “En *Pedro Páramo*, donde es imposible establecer de un modo definitivo dónde está la línea de demarcación entre los muertos y

los vivos, las precisiones son todavía más quiméricas, nadie puede saber en realidad cuánto duran los años de la muerte⁹” (1029, p. xii).

Tudo isto pode ser verificado dentro do romance. Deixamos, aqui, uma passagem deste tempo baseado em memórias:

- ESTE PUEBLO ESTÁ lleno de ecos. Tal parece que estuvieran encerrados en el hueco de las paredes o debajo de las piedras. Cuando caminas, sientes que te van pisando los pasos. Oyes crujidos. Risas. Unas risas ya muy viejas, como cansadas de reír. Y voces ya desgastadas por el uso. Todo eso oyes. Pienso que llegará el día en que estos sonidos se apaguen.

Eso me venía diciendo Damiana Cisneros mientras cruzábamos el pueblo.

- Hubo un tiempo que estuve oyendo durante muchas noches el rumor de una fiesta. Me llegaban los ruidos hasta la Media Luna. Me acerqué para ver el mitote aquel y vi esto: lo que estamos viendo ahora. Nada. Nadie. Las calles tan solas como ahora.¹⁰ (Rulfo, 2019, p. 42)

Esta passagem anterior demonstra claramente os ecos que povoam o povoado e como a história é narrada a partir das relações entre vivos e mortos, entre memórias do passado e o vazio do presente. Damiana Cisneros parece arrepender-se de algo que não foi feito ou vivido e que mostra a solidão do povoado e de sua gente. O tempo da narrativa é, na verdade, uma comparação sistemática do ontem e do hoje, uma incerteza sobre o que virá e se virá.

Outra passagem entre Juan Preciado e Damiana Cisneros deixa-nos perceber como os personagens estavam colocados numa incerteza temporal (limbo?) entre vivos e mortos:

- ¿Está usted viva, Damiana? ¡Dígame, Damiana!

Y me encontré de pronto solo en aquellas calles vacías. Las ventanas de las casas abiertas al cielo, dejando asomar las varas correosas de la yerba. Bardas descarapeladas que enseñaban sus adobes revenidos.

⁹ Em tradução livre: “Em *Pedro Páramo*, onde é impossível estabelecer com precisão onde se situa a linha divisória entre os mortos e os vivos, os detalhes são ainda mais quiméricos; ninguém pode saber ao certo quanto tempo duram os anos de morte.”

¹⁰ Em tradução livre: “Esta cidade está cheia de ecos. É como se estivessem presos nas cavidades das paredes ou sob as pedras. Ao caminhar, você sente seus passos sob os pés. Ouve rangidos. Risos. Risos muito antigos, como se estivessem cansados de rir. E vozes desgastadas pelo uso. Você ouve tudo isso. Acho que chegará o dia em que esses sons desaparecerão. Era o que Damiana Cisneros me dizia enquanto atravessávamos a cidade. Houve uma época em que eu ouvia o som de uma festa por muitas noites. Os ruídos chegavam até Media Luna. Eu me aproximava para ver o que estava acontecendo e vi isto: o que estamos vendo agora. Nada. Ninguém. As ruas tão desertas quanto estão agora.”

- ¡Damiana! – grité -. ¡Damiana Cisneros”
Me contestó el eco; “¡...ana ...neros! ¡...ana ...neros!”¹¹ (Rulfo, 2019, p. 44)

Notemos que Juan Preciado acaba por não saber se Damiana Cisneros estava viva ou morta. Pelo ambiente sempre inconstante em relação ao tempo cronológico, o personagem de Preciado já compreendia a instabilidade das situações no vilarejo. O eco era, por fim, quem se comunicava com ele de maneira inequívoca.

3. Algumas considerações finais

A partir da análise aqui empreendida foi possível perceber como o romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, publicado em 1955, constrói uma narrativa baseada no regionalismo mexicano, numa estrutura entre o natural e o sobrenatural próprios da cultura mexicana (como o culto à Santa Morte, por exemplo), no que se vive, nos ecos e nas memórias, nos vivos e nos fantasmas, enfim numa temporalidade não cronológica que atravessa toda a narrativa deste romance regional fantástico.

Claramente, tal obra de Rulfo foi extremamente influente para o escritor colombiano Gabriel García Márquez (2019, x-xi), como ele mesmo nos relata uma, “comoção” e um “assombro” em relação à leitura de *Pedro Páramo*. Para ele, Juan Rulfo seguiu sendo um dos maiores escritores de língua espanhola mundial, como para muitos outros autores que teriam lido *Pedro Páramo*. Ou seja, a influência de Rulfo no mundo de escritores e leitores de língua espanhola não deixou de ser algo surpreendente, mesmo Rulfo tendo escrito somente dois livros: *Pedro Páramo* e *El llano en llamas*. A inusitada construção das narrativas de *Pedro Páramo* demonstram a “genialidade” de uma escrita que mescla o regional com o fantástico, com as paixões humanas, com a vida cotidiana no interior, com a morte, com as precisas descrições dos espaços, entre outros pontos que constroem tal romance.

Vemos que a não-linearidade temporal da obra *Pedro Páramo* relaciona-se, também, com uma concepção indígena latino-americana de tempo, pois há uma tentativa

¹¹ Em tradução nossa: "- Você está viva, Damiana? Diga-me, Damiana! E de repente me vi sozinha naquelas ruas vazias. As janelas das casas estavam abertas para o céu, revelando os talos de grama resistentes. As paredes descascadas mostravam seus tijolos de adobe desgastados. - "Damiana!" gritei. "Damiana Cisneros!" O eco me respondeu: "...ana...neros! ...ana...neros!"

de circularidade das narrativas recortadas, buscando a compreensão de um todo e não de pequenas histórias cronologicamente organizadas, mas com forte ênfase nas memórias. A visão de Rulfo de um México rural não poderia estar distante da compreensão de que tal México era, também, um México indígena. Vale destacar que Rulfo trabalhou, de 1962 até 1986, como editor e diretor, para o Instituto Nacional Indigenista (atual INPI), promovendo a publicação e a pesquisa sobre as culturas indígenas mexicanas.

Portanto, temos em *Pedro Páramo* uma obra que tenta compreender não somente um México rural vivido e imaginado por Rulfo por meio de um regionalismo fantástico, mas uma obra-prima da língua espanhola que nos revela elementos tão latino-americanos (caudillismo, indígena etc.), como elementos das paixões e dores de todos os seres humanos, e que se constrói, brilhantemente, por meio de uma temporalidade própria, não-linear, circular, baseada em memórias, ecos e sussurros.

Por fim, esperamos que este escrito auxilie nas investigações sobre o escritor mexicano Juan Rulfo no Brasil e que instigue nossos estudantes a procurarem saber mais sobre a cultura mexicana e seus importantes artistas (plásticos, escritores, compositores, bailarinos etc.) para a construção da sociedade mexicana da atualidade e para melhor compreensão das riquezas artísticas da América Latina.

4. Referências

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Revista Remate de Males*. Campinas/SP, p. 81-90, 2012. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992> Acesso em: 20 set. 2025.

KUMMER, Rodrigo; LIMA, Eli Napoleão de. Ruralidade trágica em Juan Rulfo: apontamentos entre ficção e realidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 2-31, 31 jan. 2023. DOI: https://doi.org/10.36920/esa31-1_02 Acesso em: 20 set. 2025.

LÓPEZ-QUIÑONES, Loreto Gómez. El silencio como estrategia en la obra de Juan Rulfo. *Revista AnMal Electrónica*. N. 35, p. 79-92, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura Indígena. *Overmundo*. Overblog, 2008. Disponível em: http://www.overmundo.com.br/imprime_overblog/literatura-indigena Acesso em 28 jan. 2026.

PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1946.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre temporalidades: a concepção sobre tempo de branco e tempo de índio. *Revista Querubim* – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. UFF, ano 15, n. 37, v. 7, p. 73-79, 2019.

RODRIGUES, Wallace. Lados opostos da mesma moeda: A obra de Clarice Lispector e Andy Warhol em 1977. *Linguagens* - Revista de Letras, Artes e Comunicação. FURB, Blumenau, v. 7, n. 2, p. 133-146, 2013.

RODRIGUES, Wallace. Por uma literatura nem tão infantil assim: literatura e resistência. *Humanidades & Inovação*. UNITINS, Palmas, v. 8, n. 33, 2021.

RODRIGUES, Wallace; RIBEIRO, José Manoel Sanches da Cruz. Poetas professores na literatura produzida no Tocantins. *Humanidades e Inovação*. UNITINS, Palmas, v. 7, n. 15, p. 99-106, 2020.

RULFO, Juan. *Pedro Páramo*. Nueva York: Penguin Random House, 2019.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Asombro por Juan Rulfo. In: RULFO, Juan. *Pedro Páramo*. Nueva York: Penguin Random House, 2019, p. IX-XII, 2003.

SADDI, Maria Luíza Sabóia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. In: *Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)*. Rio de Janeiro, p. 4000-4012, 2021. Disponível em: <https://www.anpap.org.br/anais/2011/html/cpa.html> Acesso em: 20 set. 2025.